

A VIDA SOCIAL E CULTURAL E A ATIVIDADE LITERÁRIA NO TOCANTINS

THE SOCIAL AND CULTURAL LIFE AND THE LITERARY ACTIVITY IN TOCANTINS

Mirian Aparecida Deboni¹

Resumo

Neste artigo é apresentada uma reflexão sobre a vida social e cultural no Estado do Tocantins, com ênfase para as relações existentes entre as atividades artísticas desenvolvidas antes e após a criação do Estado. A partir da análise dos processos culturais ocorridos na região à luz de Cândido e Bourdieu, conclui-se que a produção o campo das artes visuais e da atividade literária no Tocantins passa por um processo de consolidação, resultante da íntima relação que essas produções mantêm com a política, a história e a vida social do Estado. Esse processo, por sua vez, torna mais interessante a atividade artística no Estado que, apesar de encontrar-se tão distante dos grandes centros literários, contribui para o enriquecimento da produção cultural na contemporaneidade.

Palavras-chave: Tocantins; cultura; literatura; artes visuais

Abstract

In the article we reflect upon about the social and cultural life in the State of Tocantins, with emphasis on the existent relationships among the artistic activities developed before and after the creation of the State. Starting out with the analysis of the cultural processes happened in the area in the light of Candido's theories and Bourdieu's, it is concluded that the production in the field of the visual arts and of the literary activity in Tocantins goes through a consolidation process, resulting from the close relationship that those productions maintain with the politics, the history and the social life of the State. That process, on the other hand, turns the artistic activity more interesting in the State. In spite of being so distant from the great literary centers, the artistic activity in the state of Tocantins contributes to the enrichment of the cultural production in the contemporaneity.

Keywords: Tocantins; culture; literature; visual arts

Introdução

O presente artigo faz algumas considerações acerca da vida social e cultural no Tocantins. Para tanto, apresenta observações concernentes à sua produção no campo das artes visuais e de sua atividade literária. Por ser um Estado que surgiu do desligamento de Goiás, nossa primeira tarefa será verificar as relações existentes entre as atividades artísticas desenvolvidas em Goiás e as que vêm prevalecendo com a criação do Tocantins. Desse modo, no diálogo entre as duas localidades (considerando os distintos pertencimentos políticos), se

¹ Doutora em Letras pela UFF - Universidade Federal Fluminense (2007), mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp (2002), professora do curso de Letras da Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas do Tocantins - FIESC e do curso de Administração da Faculdade Católica Dom Orione - FACDO e do ITAPC.

algumas dessas práticas se apresentam similares ao quadro anterior, em outras, por sua vez, como é o caso da literatura, mostram-se já distintas das produzidas ainda no momento relativo ao pertencimento ao Estado goiano. Para nós, isso se dá porque há, com o surgimento do Tocantins, o desejo de se criar uma literatura que venha caracterizá-lo, particularizá-lo, singularizá-lo, no esforço da produção de uma literatura “tocantinense”, caracterizando um esforço distinto diante de outras manifestações artísticas, que buscam a inserção nas linguagens contemporâneas e do que se faz em outros centros de prestígio cultural. Diante dessa constatação, num segundo momento, nosso artigo irá analisar como está se viabilizando a criação artística no Estado, com ênfase em sua atividade literária. Nesse momento, o suporte teórico que dará embasamento para a análise da atividade literária será o pressuposto de Antonio Candido (1999) acerca da formação da literatura brasileira, de modo que seu modelo nos sirva de parâmetro para melhor analisar como se caracteriza a formação de uma atividade literária no Tocantins.

1. A produção cultural no Tocantins

Entre os mecanismos utilizados para dar visibilidade ao Tocantins, no momento de sua formação como Estado, configurou-se com a reiteração da enunciação de um discurso que buscou dar respaldo à sua criação. Forjando uma origem histórica e uma identidade tocaninense desde o século XVIII, esse fazer corresponde a um discurso emancipatório, que encontra suas raízes nas práticas políticas (RODRIGUES, 2009) . Unindo-se a esse enunciado, e em decorrência dele, além da relativa manipulação dos acontecimentos históricos e das ações de determinadas personalidades políticas, houve a necessidade de forjar peculiaridades culturais em relação ao restante do país. Desse modo, o processo de criação de uma memória histórica para o Tocantins abrange também suas ações culturais e se assemelha ao movimento descrito por Pierre Bourdieu (2005) para a criação de uma ideia de região.

Para o sociólogo, a noção de região se estabelece por uma “di-visão” do mundo social que se configura, a princípio, pela criação de certas fronteiras que servem para delimitá-lo e diferenciá-lo das demais localidades. Como para o autor não existem classificações naturais, essa divisão, por estar em conformidade com os interesses de quem a produz, dá-se por uma representação arbitrária.

No entanto, para que um enunciado traga determinada região à existência, através de sua delimitação e diferenciação, cabe a ele forjar uma identidade que se fundamente

primeiramente na apropriação de determinados aspectos tomados como realidade objetiva por um certo número de habitantes, de modo a induzir os demais a reconhecerem essas particularidades. Com isso, o enunciado torna-se um produto de identificação por meio do qual o grupo anteriormente ignorado passa a ser conhecido e reconhecido.

Princípios de “di-visão” semelhantes aos identificados por Bourdieu (2005) para a criação de uma idéia de região podem ser percebidos no processo de formação de uma identidade cultural para o Tocantins. Na tentativa de legitimar sua formação, vários são os discursos e os símbolos para ele criados que buscam reconhecê-lo como uma localidade que se distingue das demais também por sua produção cultural.

Desse modo, ao lado dos discursos emitidos por certos historiadores, pelo governo e por seus representantes, temos outros elementos importantes que também se apresentam como vozes autorizadas que buscam dar existência ao Tocantins.

Entre os recursos que colaboram para a construção de uma imagem do Tocantins, encontram-se os textos literários produzidos por certos escritores e o trabalho que vem sendo desenvolvido pelas Academias de Letras existentes no Estado. Procura-se criar um contexto cultural pelo qual seja possível forjar uma identidade que venha a diferenciá-lo dos demais Estados e, principalmente, de Goiás, do qual geograficamente fazia parte. Por isso, é pertinente observar, em primeiro lugar, algumas das principais manifestações culturais da região Centro-Oeste e compará-las com as que são atualmente produzidas no Tocantins, de modo a averiguar o papel que alguns desses elementos possuem nesse processo.

No que diz respeito à vida cultural nas regiões Norte e Centro-Oeste do país, suas principais manifestações são de caráter popular e estão quase sempre atreladas às festas e comemorações ligadas à Igreja Católica. Nessas localidades, há o predomínio de expressões de caráter eminentemente religioso, possivelmente resultado do processo de colonização a que foram submetidas pelos portugueses e jesuítas. Em Goiás, por exemplo, a Semana Santa da cidade de Goiás, as Romarias de Trindade (realizadas no município de Trindade) e de Muquém (praticadas na região de Niquelândia) e a Festa do Divino Espírito Santo são consideradas as suas principais manifestações religiosas, às quais se somam as Cavalhadas, as Congadas, as Folias do Divino e as Folias dos Reis, festejos menores que fazem parte dessas comemorações.

Ainda em relação às suas manifestações de caráter popular, vale mencionar a riqueza do folclore dessa região, composto por várias histórias, mitos, danças, cantos, lendas, crenças: entre os quais vale mencionar a estória de Romanzinho, o Pé-de-garrafa, a Teresa-bicuda, a

Onça-da-mão-torta. Esses casos se perpetuam pelas escolas, onde são ensinados nas cartilhas do ensino básico e assim são mantidos vivos no imaginário popular.

As manifestações culturais em Goiás se deram, também, na forma de literatura escrita. Para Gilberto Mendonça Teles (1983), a produção literária em Goiás caracteriza-se através de um quadro que marca a sua evolução. Sua cronologia dá-se a partir de 1726 até os dias atuais.

Para Teles (1983), entre 1726 e 1830, não houve qualquer experiência de grande valor, em especial, na poesia. Alguns dos textos produzidos nesse período dizem respeito à capitania de Goiás, como, por exemplo, a obra *Memórias sobre a Capitania de Goiás*, de José Correia de Seixas, ou, ainda, de autoria de Antunes da Frota, a *História da Capitania de Goiás*. Em relação aos poemas, a maioria deles foi produzida com a intenção de louvar alguma entidade representativa na época.

Teles (1983) observa que, ao contrário do período anterior, o que se estende de 1830 a 1903 apresenta um contexto mais propício para o desenvolvimento de uma literatura em Goiás. Entre esses eventos, destacam-se a criação do Liceu de Goiás, em 1847; o Gabinete Literário Goiano, em 1864, além do aparecimento de inúmeros jornais, nos quais há a produção poética dos autores goianos.

Na fase de 1903 até 1930, a ênfase no meio editorial é maior com a publicação de inúmeras obras, como o *Alvorada* (1902), o *Violetas* (1904), o *Agapantos* (1905) e outros, inclusive do *Anuário histórico, geográfico e descritivo do Estado de Goiás*, do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, no qual se encontra um panorama da literatura em Goiás, e do semanário *A Rosa*, dirigido por algumas senhoritas, entre elas, a escritora Cora Coralina.

O período que se estende de 1930 a 1942 caracterizou-se pela fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, em 1933, e a mudança da capital para Goiânia. No que diz respeito à produção poética, nessa fase, segundo Teles, ocorreu uma espécie de Pré-Modernismo, no qual se encontram poemas de ordem modernista e alguns, ainda, impregnados pelas tendências parnasianas, simbolistas e até mesmo românticas.

Se, nesse período, a literatura produzida em Goiás caracteriza-se por um aspecto eclético ao mesclar poemas de tendências parnasianas, românticas e simbolistas, a partir de 1942, esses textos já começam a demonstrar maior adesão aos padrões da primeira fase do Modernismo, com alguns poetas como Afonso Félix de Sousa e A. G. Ramos Jubé, que superaram os poetas anteriores. No campo especificamente literário, vale a pena destacar a publicação da revista *Oeste*, em 1942, com circulação até 1945, e a criação da *Associação*

Brasileira de Escritores, Secção de Goiás, que passou a chamar-se, em 1962, *União Brasileira de escritores de Goiás* (UBEGO). Essa instituição foi designada para supervisionar a “Bolsa Hugo de Carvalho Ramos”, que, criada em 1943 pela prefeitura de Goiânia, deu um avanço no campo editorial do Estado, pelas inúmeras publicações que efetuou. Entre elas, destacaram-se as obras *Ermos e Gerais*, contos de Bernardo Élis, a *Antologia goiana*, organizada por Veiga Neto, entre outras.

Após 1955, houve inúmeras inovações, como I Semana de Arte de Goiás, organizada em 1955 e ocorrida em 1956, a fundação da Universidade Federal de Goiás, em 1960, na qual se instalou uma gráfica universitária, e, por último, o surgimento do Jornal *Oiô*, em 1957, no qual se publicaram vários contos, poemas e ensaios.

Quando trata desse período, o crítico discutiu atentamente o surgimento, em 1956, de dois grupos literários e sua influência sobre a literatura produzida em Goiás: *Os Quinze*, constituído por inúmeros romancistas, contistas, jornalistas, críticos e o primeiro a ter seu manifesto modernista publicado, e o *Grupo de Escritores Novos* (GEN), formado por um grupo de jovens estudantes, inclusive alguns cursando ainda o ginásio.

De todas essas manifestações culturais, apenas algumas das práticas populares produzidas em Goiás apresentam-se no Tocantins, como a Festa do Divino Espírito Santo, as cavalhadas, congos e congadas, as Folias do Divino e dos Reis, as Catiras, às quais se somam outras, como a Roda de São Gonçalo, a Festa de Nossa Senhora de Natividade, os Caretas de Lizarda, Festejos de Nossa Senhora do Rosário, Caçada da Rainha. O fato de algumas dessas atividades fazerem parte do quadro cultural do Tocantins em detrimento de outras, relaciona-se ao seu caráter tradicional e popular, e por serem mais praticadas e conhecidas, não somente nessa localidade, mas no país como um todo, acabaram por enraizar-se na sua cultura de tal forma que, ao passarem de uma geração a outra, tornaram-se parte integrante de seu contexto. Como exemplo, temos a Festa do Divino Espírito Santo, que acontece na região desde o século XIX, a Romaria do Bonfim, que acontece na cidade de Natividade desde o século XVIII, e, em Araguacema, desde 1932. Outro motivo para sua permanência é de caráter puramente geográfico: as manifestações executadas nas áreas que hoje constituem o estado do Tocantins continuaram a fazer parte de seu acervo. Referimo-nos, por exemplo, à Festa do Divino Espírito Santo, à lenda do Negro d’água e à lenda do Romanzinho.

No entanto, no diálogo entre Tocantins e Goiás, se algumas dessas práticas se apresentam as mesmas, outras, por sua vez, como é o caso da literatura, mostram-se desvinculadas da produzidas no estado goiano. Isto porque a atividade literária não possuía

uma tradição popular que a legitimasse, havendo desse modo o desejo de se criar um contexto que venha a configurá-la e pelo qual seja possível definir peculiaridades culturais para o Estado. Assim, há uma certa manipulação das práticas cultas no Tocantins com vista a dotá-lo de uma identidade que lhe pareça característica. Desse modo, ao contrário de algumas das manifestações populares, não há referência à literatura produzida em Goiás: o que há é a necessidade em se destacar a existência de obras literárias criadas no Estado por um grupo de escritores que nele reside.

Diante desse quadro, é interessante basearmo-nos em alguns dos pressupostos de Antonio Candido (1999) acerca da formação da literatura brasileira, de modo que seu modelo nos sirva de parâmetro para melhor analisar como se caracteriza a produção literária no Tocantins e a função que os elementos que a constituem, como suas Academias de Letras, os meios de publicação e seu quadro de leitores, possuem nesse contexto.

Para Candido (1999), a formação da literatura brasileira se deu através de um processo que pode ser dividido em três etapas: a primeira, chamada era das manifestações literárias (que vai das origens no século XVI, com os autos de Anchieta, às academias do século XVIII); a segunda, na qual há a configuração de um sistema literário (que vai do século XVIII, com o surgimento das academias, até o final do século XIX); e a terceira, considerada um sistema literário consolidado (da segunda metade do século XIX até os nossos dias).

As etapas descritas evidenciam que o autor concebe a literatura como um sistema articulado, de maneira que sua formação no Brasil coincide com a completa configuração desse sistema, que é definido por Candido da seguinte forma:

Entendo aqui por sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu relacionamento, definindo uma “vida literária”; públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento das obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar. (CANDIDO: 1999, p. 15)

Os fatores primordiais apontados pelo autor para que houvesse a consolidação do sistema literário no período romântico foram: o surgimento de um grupo de escritores responsáveis pela transformação da literatura em uma atividade cultural permanente e não mais em mera manifestação individual e esporádica, como ocorria no século XVI; a configuração de um público formado por um número maior de leitores, que, apesar de constituírem um grupo relativamente pequeno, eram mais participativos do que os de épocas anteriores e apresentavam-se mais aptos a darem realidade às obras e a seus autores; a

constatação e construção, por parte dos escritores, do início de uma tradição literária local; o aparecimento de certas condições sociais, ideologias e de algumas modalidades de comunicação (jornais, editoras, bibliotecas...).

Dessa forma, a literatura propriamente dita, para Antonio Candido (1999), é um sistema articulado que se configura mediante a existência de três elementos tidos como básicos, a saber: um autor, uma obra e vários receptores (leitores). O autor observa, ainda, que, para que este sistema literário se forme, é imprescindível a interação desses três elementos (autor-obra-leitor), pois ela é necessária para que se dê a “comunicação inter-humana”.

Se tomarmos a definição de Antonio Candido (1999) de literatura como um sistema articulado formado por autores, obras e leitores que estão em íntima relação e pressupõem uma certa tradição e continuidade para se configurar, podemos, a partir desse conceito, fazer algumas considerações em relação ao contexto literário no Tocantins e constatar que ele é caracterizado por um sistema em processo de construção.

O fato de encontrarmos esse ambiente em formação justifica-se pela imaturidade econômica, social e, principalmente, cultural do Tocantins. Mas, nos últimos tempos, verifica-se o aparecimento de uma série de fatores que indicam a implantação e a solidificação de um cenário literário mais representativo para ele e pelos quais busca-se dotar o Tocantins de uma tradição literária que lhe pareça própria. Nesse contexto, destacamos o surgimento de um número maior de escritores; o aumento das obras por eles produzidas; o aparecimento de certos mecanismos de publicação para elas, como as editoras, as gráficas, os jornais, as antologias de contos e poesias, e os anuários de poetas e, o mais importantes de todos eles, o surgimento das Academias de Letras, na capital (a ATL – Academia Tocantinense de Letras, e a APL – Academia Palmense de Letras) e nas cidades do interior (a ACALANTO – Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense, com sede em Araguaína; a AGL – Academia Gurupiense de Letras, com sede na cidade de Gurupi; a ACLA – Academia Colinense de Letras e Artes, com sede em Colinas, e, por fim, a ALMA – Academia de Letras Mirim de Araguaína, com sede em Araguaína).

O primeiro desses fatores, o aparecimento de um número maior de escritores, é decorrente do surgimento de um grupo de pessoas que se empenham em se destacar como autores, independentemente da profissão que exerçam na sociedade. Esse elemento, por sua vez, influencia no aumento dos textos produzidos por esses autores que, preocupados em se

inserir no espaço literário e garantir sua permanência nele, mostram-se cada vez mais comprometidos com a produção de obras e com sua publicação.

Apesar do desenvolvimento da produção literária, no que diz respeito aos diferentes modos de editoração, determinados problemas de ordem econômica (muitos autores não possuem recursos financeiros para publicarem seus textos) e, algumas vezes, o número reduzido de editoras ou de gráficas locais para a publicação das obras são os principais empecilhos para o crescimento das publicações.

Desse modo, alguns caminhos alternativos são seguidos pelos autores para que sua obra venha a lume. Um dos meios de reduzir os custos da publicação em editoras e, até mesmo, em gráficas, é a busca por apoios culturais dos órgãos particulares ou governamentais, como as prefeituras, o SESI – Serviço Social da Indústria - e outros.

A dificuldade na produção dos livros, bem como a falta de espaços variados de divulgação nos permite verificar que publicar uma obra em editora ou em gráfica no Tocantins depende de elementos extra-literários, como ajuda financeira do poder público (nesse caso, da prefeitura) ou de órgãos privados (como os estabelecimentos comerciais), o *status* social, político, econômico (já que muitos se dispõem a financiar sua própria obra) e profissional que o autor possui na cidade, evidenciando, assim, um certo tipo de relação social e muitas vezes política a que ele e vários autores no Tocantins estão sujeitos, já que o convívio social em muitos dos casos contribui para a publicação da obra.

Muitos escritores, que não possuem uma relação social ou político que lhes garanta esse tipo de publicação, buscam outras soluções mais imediatas, como a veiculação de seus textos em jornais, em antologias ou através de outros meios, como no caso de Carlos S. de Bayma, que, para ter seu livro publicado, inaugurou o que ficou conhecido como a *Cooperativa do Livro*. Esse trabalho consistiu na venda de uma espécie de vale-livro pelo autor, que remete o dinheiro arrecadado para custeio gráfico da obra que, depois de pronta, é entregue a cada um de seus compradores.

Dentre as práticas mais comuns entre os escritores que não possuem meios de imprimir suas obras em editoras ou gráficas, destaca-se a publicação de textos em jornais locais ou regionais. Um dos jornais responsáveis por esse trabalho é *O Jornal do Tocantins*, de âmbito estadual, bem como os jornais *Folha da Cidade*, de Gurupi; *Folha da Cidade*, de Palmas; *Cocktail*, de Gurupi; *Folha Popular*, de Palmas; *A Notícia*, de Gurupi; e o *Diário do Tocantins*, de Palmas.

Vale observar que esse tipo de jornalismo, apesar de prestar-se à veiculação de textos literários, tem um caráter muito mais informativo. O que, a princípio, poderia ser um espaço para uma maior apresentação de poemas e de contos, acaba sendo utilizado, em grande parte, para divulgar certos eventos, principalmente aqueles relativos às Academias de Letras, como lançamentos de livros, posse de novos escritores, entrega de prêmios a algum acadêmico entre outros. Com uma estrutura assim definida, as matérias mais comuns editadas por esses periódicos abordam os lançamentos de livros pelos escritores que, em sua maioria, fazem parte de algumas das Academias de Letras.

Outros meios de publicações muito comuns no Estado são as antologias de contos e poemas, reunidos em anuários. De uma forma geral, essas obras são vistas como “compêndios” nos quais estão registrados e resgatados certos fatos responsáveis pela consolidação de uma “história dos tocantinenses” e de uma “identidade cultural do povo tocantino”.

É possível observar que uma das funcionalidades dessas publicações coletivas, como os anuários, as coletâneas e os jornais, é trazer a lume textos inéditos e proporcionar aos autores o privilégio de conseguirem que seus textos sejam publicados. Esses fatores fazem com que muitos autores recorram a esse tipo de publicação. No caso específico das antologias e dos anuários, a falta de uma escolha rigorosa por parte de seus organizadores ou mesmo a falta dessa seletividade, já que muitas publicações fazem uma seleção de seus participantes e se publiquem todos os textos que lhe são enviados, é outro motivo para a participação de um número maior de escritores. No caso dos jornais, há neles uma complacência por parte dos editores para com os textos neles publicados, o que se apresenta como um incentivo para que o autor produza visando à edição em tais periódicos.

Assim, percebe-se que a permanência de algumas dessas formas de publicação advém de razões econômicas (são publicadas mediante a ajuda de órgãos públicos ou privados de fomento à cultura ou, ainda, pelos próprios escritores, que dividem os gastos totais da publicação, como no caso dos anuários e das coletâneas) e políticas, já que elas também têm por objetivo propagar a existência de uma cultura e de uma identidade tocantinenses.

É importante considerar, no entanto, que se esse tipo de publicação, especificamente os livros, as antologias e os anuários, contribui para o aumento no número das obras produzidas, não há garantias de que elas serão conhecidas e lidas por um grupo razoável de pessoas no Estado. Por isso, os escritores que conseguem produzir seu livro através desses meios acabam enfrentando problemas relacionados à sua divulgação e circulação. Os contratempos derivam

primeiramente do fato de que muitas dessas publicações, custeadas pelo autor ou patrocinadas pelos órgãos governamentais ou por empresas privadas, são impressas em gráficas e editoras regionais que delimitam seu conhecimento pelos leitores. Essa tarefa fica, em muitos dos casos, a cargo de seus autores, que acabam sendo os únicos responsáveis por sua divulgação. Nos casos dos livros, o problema é maior ainda, já que essa tarefa em muitos dos casos cabe exclusivamente ao escritor. O mesmo se dá com as coletâneas, cuja divulgação é insuficiente, apesar de ser mais ampla em virtude de seus autores serem em número maior.

Isto porque há empecilhos graves que dificultam o conhecimento e o acesso a essas obras, como a falta de pólos variados de circulação e de espaços para divulgação dos livros nas cidades tocantinenses. Em Araguaína, por exemplo, há apenas duas livrarias, as bibliotecas são poucas e com estruturas muito precárias, as escolas e outros órgãos municipais e estaduais não fazem um trabalho satisfatório com o intuito de divulgar a literatura produzida na região e os lançamentos de livros são insuficientes e poucos divulgados. Na capital do Estado, o problema é o mesmo. Nela, há apenas nove livrarias, número insignificante se comparado a outras cidades como Goiânia, que possui inúmeras livrarias, ou mesmo capitais dos Estados do Norte, como Belém que possui uma quantidade semelhante.

O problema não se restringe apenas ao fato de ser insuficiente o número de livrarias, mas está no próprio autor que não coloca seus textos à disposição dos leitores. Além disso, como as gráficas e as editoras nas quais os seus livros são produzidos somente os editam e os entregam a seus autores, os donos de livraria e os leitores têm dificuldade de acesso a esse material, obtido somente quando é possível manter contato com o autor, o que nem sempre se dá de forma satisfatória.

Por esses dados, percebe-se o quanto o Tocantins necessita desenvolver-se nessa área cultural e como a falta de melhores meios de publicação e divulgação dos livros limita o conhecimento e a aquisição dessas obras, que, para Candido (2000), deveria se configurar mediante a existência de meios eficazes de comunicação.

Assim, os problemas relacionados à falta de uma divulgação e circulação mais ampla dos livros produzidos no Estado e principalmente os empecilhos relacionados à sua aquisição são fatores que determinam o número de leitores desses textos. Devido a essas dificuldades, o público leitor é pouco variado e formado, em sua maioria, por um número muito reduzido de professores e de alunos do Ensino Fundamental e Médio e, principalmente, pelos próprios escritores, que, por participarem do seu sistema de produção e publicação, são os que possuem melhor conhecimento e menor dificuldade na obtenção dos livros de seus pares.

No entanto, apesar desses entraves, certos acontecimentos, como o surgimento de Academias de Letras, possuem uma função primordial para o desenvolvimento e a caracterização de um cenário literário mais representativo para o Estado, cenário este que nos permite fazer certas observações acerca de sua atividade literária e, principalmente, verificar determinadas peculiaridades nelas inseridas e a relação entre a literatura e a política existente no Tocantins.

Na tentativa de atuar positivamente sobre os entraves desse contexto, as Academias de Letras tocaninenses desempenham um papel de fundamental importância no processo de construção de uma atividade literária mais estável para o Estado, já que a essas instituições cumpre a função de revelar novos escritores, incentivar a produção de um número considerável de obras, bem como amenizar os problemas relacionados à divulgação desses textos e seus autores.

Podemos perceber ainda, no contexto de produção das Academias de Letras tocaninenses, que elas possuem, além desses propósitos, intenções de caráter político. Muitos dos objetivos expostos em seus Estatutos estão direcionados para o desenvolvimento e aprimoramento cultural do Tocantins com o intuito de destacá-lo.

O esforço de se criar uma identidade literária no Estado também se apresenta em sua produção visual. São muitos os artistas plásticos que se utilizam de elementos da natureza tocaninense para dar forma às suas obras, como o artesanato feito com certos elementos da região. Nessa produção, é muito comum o uso do capim dourado no artesanato e na pintura de quadros, entre outros elementos.

Além dessa intenção política, a produção plástica na região é acometida pelos mesmos empecilhos que marcam a produção escrita. Entre esses problemas, está o pequeno número de espaços apropriados para exposição do que é produzido pelos artistas do Estado. Muitos deles expõem suas obras em saguões de prédios públicos e até mesmo em salas comerciais, como é o caso do ITA - Instituto Tocantinense de Arte, localizado na cidade de Araguaína. Em outros momentos, muitos eventos artísticos ocorrem em certos acontecimentos regionais como, por exemplo, na cerimônia de recebimento de alguma autoridade que vem em visita ao Estado. Nesse tipo de evento, prepara-se toda uma exposição artística, na qual fica visível a necessidade de se destacar o que se produz na região para a pessoa visitante.

Além desses momentos esporádicos, há certos espaços permanentes para a exposição da produção plástica no Estado. Na cidade de Palmas, merecem menção a Fundação Cultural do Tocantins, o Centro de Cultura Mauro Cunha, a Galeria do SESC e o CUICA - Centro

Universitário Integrado de Ciência, cultura e arte - localizado na UFT. Nas cidades do interior do Estado, cumpre destacar o Centro Histórico de Natividade e a Casa de Cultura, ambos no município de Natividade.

No entanto, apesar desses espaços, são inúmeros ainda os empecilhos que dificultam a divulgação do que é produzido pelos artistas locais, o que determina, por sua vez, que, de forma semelhante à produção literária, a produção no campo das artes visuais no Tocantins também esteja em fase de consolidação.

2. Conclusão

Assim, podemos concluir que o fato de a produção no campo das artes visuais e da atividade literária no Tocantins estarem em processo de consolidação, tudo isso é resultante da íntima relação que essas produções mantêm com a política, a história e a vida social do Estado. Esse processo, por sua vez, torna mais interessante a atividade artística no Estado que, apesar de encontrar-se tão distante dos grandes centros literários, contribui com interessantes facetas para a pluralidade de aspectos que compõem a produção cultural na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanistas, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos Goianos. A poesia em Goiás (Estudo/Antologia)*. 2 ed. Goiânia: Editora da UFG, 1983.
- RODRIGUES, Jean Carlos. *Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.